



O CORPO COMO METÁFORA

Cleide Riva Campelo¹

Resumo

A autora narra a memória das principais inquietações cultivadas a partir dos encontros de Dietmar Kamper com pesquisadores brasileiros do CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, entre 1992 e 2001. Enfatiza que Dietmar Kamper anunciou, em sua primeira palestra em São Paulo, que ele via a perda do corpo como um dos primeiros sinais evidentes da própria extinção do homem. Lembra, entretanto, que depois de observar que na Europa todos viviam como se tivessem um preservativo envolvendo o corpo todo, o pesquisador via alguma esperança na forma como os brasileiros cultivavam a corporalidade.

Palavras-chave. Dietmar Kamper. Corpo. Cultura. Morte. Sonho. Sombra.

1. O olhar em retrospectiva, o olhar estendido

*“The time has come
For closing books”*

“To Sir With Love”, Don Black and Mark London

Considerando que a oposição entre “vivo e morto” não se sustenta mais como um paradigma no modo como pensamos sobre as pessoas, já que somos parte do fluxo de vida que tem início muito antes do nascimento em si e continua muito além da própria morte, é sobre o Dietmar Kamper vivo, afogado em nossa memória, que vamos escrever aqui, já que a germinação de seus rebentos ainda está a oferecer frescor e cor a todos. A qualidade de seu trabalho intenso continua a vibrar.

Quando Dietmar Kamper anunciou, em sua primeira palestra em São Paulo, que ele via a perda do corpo como um dos primeiros sinais evidentes da própria extinção do

¹ Cleide Riva Campelo é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), organizadora do livro *O trabalho como vida*, de Dietmar Kamper (São Paulo: Annablume, 1998) e integra o grupo *Tutu-Marambá - Pesquisas das Artes do Corpo*. Contato: cleidecampelo@globocom.com





homem, isto não foi relatado de forma apocalíptica, ruidosa, mas quase como um plangente lamento fúnebre. Kamper relatou que as pessoas na Europa já tinham perdido seus corpos e isto era provavelmente um sinal da futura extinção do homem. Ele afirmou que todos viviam como se tivessem um preservativo envolvendo o corpo todo, “protegendo”/emparedando uns aos outros. Ele declarou-se positivamente surpreso com o fato de que nós ainda éramos tão corporais no Brasil, o que lhe trouxe algum tipo de esperança. Esta poderia ser a derradeira chance da humanidade. Este encontro deu-se em 29 de Maio de 1992. A palestra era **“O cenário como significado para os sentidos”**.

Em relação à última parte da profecia, receio que o tempo tenha derrubado a hipótese do Professor Dietmar Kamper. O corpo tornou-se uma metáfora também abaixo do Equador. Quase 20 anos após sua primeira palestra no Brasil, estamos nos tornando cada vez mais europeizados, e cada vez menos *tupinizados* ou africanizados – que foram os sinais que fizeram com que Kamper provavelmente tenha identificado como *flashes* de esperança sobre o corpo. Mas a herança da “civilização” parece robusta demais nesta arena semiótica.

Como Susan Sontag já demonstrou em sua obra notável de 1978, *“A Doença Como Metáfora”*, havia qualquer coisa de esquisito na tentativa de se metaforizar a biologia em termos literários. E isto era apenas bem o começo de tudo.

Hoje, nascer é um questão médica, grávida de metáforas; a sexualidade é uma questão médica, totalmente protegida/envolta em metáforas; morrer é uma questão médica, disfarçada em metáforas; a saúde é uma questão médica, mascarada por metáforas, como os médicos das epidemias do passado remoto; a alimentação é uma questão médica, cozida em estranhos cadinhos de micro-ondas; os temores são uma questão médica, metaforizada em síndromes. O que sobrou do corpo em si para que o homem reconheça como seu? Muito pouco.

Como as pessoas tem a maior parte de suas vidas “protegidas” pelas instituições – sejam elas escolas, igrejas, governos, hospitais, sociedades, associações de bairro – elas





ênfatizam seu ser social. Ao comportar-se como membro de grupos diferentes, a pessoa perde sua identidade profunda, o próprio contato com seu corpo; e da divisão cristã entre corpo/mente, chega-se à metáfora de ser alguém que talvez não mais a represente, que seja talvez jurássica demais para abrigar sua alta tecnologia concebida como *self* e seu RG social. Afinal, nós acabamos por acreditar que somos as imagens que projetamos de nós mesmos em nossos aparelhos celulares, em toda a escala evolucionária de nossos espelhos. Somos eternos, somos perfeitos, somos eficientes. Podemos nos conectar em todo lugar, com todos, a qualquer hora.

Como nos afastamos tanto das sombras, se as sombras eram a princípio o bem-estar do útero, a movimentação segura por entre árvores frondosas, as possibilidades de opacas vias de incertezas, a hora depois do por do sol, onde sabíamos poder ancorar nossos sonhos? Em que ponto da história passamos a seguir por esta estrada iluminada dia e noite, esquecendo-nos de todos os mistérios da noite, sob os quais podíamos tanto enterrar quanto escavar feras e fadas?

Do mundo selvagem de nossa gênese até a “*selva oscura*” de Dante, nós, sem dúvida, percorremos um longo caminho, mas ainda havia o corpo vivo muito presente nesta estrada. Dali até os holofotes piscando, por onde nossas imagens rutilantes refletem o que pensamos que possa ser *humano*, numa multiplicidade de telas que nos circundam hoje, é um mundo inteiramente novo. E nós nos tornamos bem mais surpreendentes do que Aldous Huxley jamais sonhara em 1931.

Dietmar Kamper fez questão de trazer a atmosfera *chiaroscuro* para o centro de nossos debates. Depois daquela primeira palestra de 1992, nós nos encontramos muitas vezes durante quase uma década: em 28 de Maio de 1996, “*O tempo como repetição paradoxal*”. De 28 de Maio a 1 de Junho de 1996, “*O trabalho como vida*”. Em 27 de Agosto de 1997, “*O homem virtual, o desaparecimento do corpo e o evanescer dos sentidos*”. Em 11 e 12 de Setembro de 1997, “*Os sonhos, a vida*”. Em 18 de Agosto de 1999, “*O rastro e o rastrear*”. Em 25 de Agosto de 1999, “*Corpo e imagem*”. Em 28 de





Março de 2000, "**O corpo vivo, o corpo morto**". Em 31 de Março de 2000, "**Sombras e contradições**". E em 2 de Abril de 2001, o encontro memorável de Dietmar Kamper, Birke Mersmann e Haroldo de Campos, no Teatro Tuca, PUCSP, "**Antropofagia e teofagia**".

Para além do cenário da palavra, estava acontecendo uma comunicação humana nas profundezas, através de um compartilhamento fértil de dúvidas, de sonhos, de temores. Estávamos num estado de contaminação permanente: ninguém que participava de um daqueles encontros saía do mesmo modo como entrara. Todos nós ficávamos tocados e em conexão. Esta era uma maneira muito eficiente de quebrar a proteção do preservativo sobre nossos corpos, referida por Dietmar Kamper em 1992.

Sua morte trouxe uma suspensão natural da matéria orgânica que era o fio que conduzia sua relação com o mundo. Agora, quando nos preparamos para superar a dor de sua partida, nós nos voltamos aos nossos apontamentos daqueles encontros e descobrimos que todo aquele material não estava dormindo dentro dos cadernos. Não, tudo voou e tornou-se o novo material orgânico de nossas ideias. Quem somos nós? Quem é Dietmar Kamper? Seria melhor começar a chamar de "nós", quando nos referirmos a este novo ser que aflora, moldado das profundezas. Torna-se uma tarefa difícil distinguir os seres dentro deste "nós", pois a matéria contaminada tornou-se matéria nova. O processo alquímico evidencia-se e mantém a continuidade da vida. O tempo do luto está terminado.

2. São Paulo-Berlin: um maracatu-semiótico

Ser o tipo de animal capaz de representar todos os fatos do universo através de signos linguísticos e talvez, em seguida, reafirmá-los através de imagens, gestos, notas musicais e formas, tornou o *homo sapiens* orgulhoso, a princípio. Um sentimento de realização, "como se fôssemos deuses", lembrando a frase famosa anunciada nos anos 70.





Produzir linguagens, signos, qualquer tipo de comunicação era definitivamente algo capaz de fazer brotar este sentimento especial.

Capaz de compreender as leis do universo, a idade da Terra em suas camadas debaixo de seus pés, a memória guardada em seu código genético, as impressões digitais dos passos no solo e os esqueletos dos fósseis enterrados em volta, as vozes dos ancestrais mantidas nos contos folclóricos contados de uma geração para outra – tudo isso propiciou uma tendência para superestimar a própria capacidade do homem em gerar história. E religião, a criação mitológica dos deuses. Metapoder, movimento tautológico do criador/criatura, que se dão as mãos nestas cirandas intermináveis.

Mas, caminhos levam a caminhos, como disse Robert Frost em seu *“A Road Not Taken”* (*“yet knowing how way leads to way”*), e o homem saiu de uma posição em que se sentia orgulhoso pela sua própria capacidade em produzir semiose, e passou a um fitar perdido, de onde ele tenta ver o que foi visto anteriormente, mas não mais consegue distinguir o que seus olhos perfuram daquilo que tem moldado o mundo visto em sua mente – já que ver é uma mais uma atividade de construção do mundo do que uma discriminação visual. O homem só consegue ver o que já foi enquadrado para se ver.

A partir de um detalhamento do mundo e de sua classificação, e da sua transformação em códigos linguísticos e semióticos, chega o homem ao limiar da não-identificação.

Isto teve um alcance tão grande a ponto de ter o homem perdido a possibilidade de perceber a diferença entre seu próprio corpo e qualquer imagem de seu corpo. No passado, pedir que alguém apontasse a diferença entre o corpo e a imagem do corpo teria sido uma tarefa tola. Mas, assim que o homem aprendeu a viver apenas com seus olhos como fonte de conhecimento, chegando aos extremos do *motto “não toque”*, perdeu sua capacidade de perceber o desaparecimento de seu próprio corpo. Então, agora ele vê a imagem do corpo como se fosse seu corpo. Um novo Narciso e um novo Echo entram em cena.





Há diversas teorias que servem de caminhos em nosso entendimento deste comportamento humano. Um deles, como Dietmar Kamper apontou em uma de suas palestras entre nós, é a de que o homem quer se afastar do seu medo da morte. Negar a mortalidade provoca um contramovimento, o que traz o medo para dentro. Aquilo que o homem pretende varrer para longe é trazido para dentro dele. Temor trazendo mais temor e cegueira. O despenhadeiro interno é tão íngreme que não se ousa mais olhar – o homem substitui o corpo por uma imagem do corpo, reconstruído idealmente. Chega de sangue e carne, só realidades virtuais de uma pobre biologia decadente. Um *admirável corpo novo*.

3. De que somos feitos?

What are all folks made of, made of?

What are all folks made of?

Fighting a spot and loving a lot,

That's what all folks are made of.

(tradição oral)

A citação acima é a matéria subjacente da quadrinha infantil, atribuída a Robert Southey “*what are little girls made of, made of/ what are little boys made of, made of?*”. Fôssemos realmente feitos de luta e amor, “*fighting a spot and loving a lot*”, então a epígrafe favorita de Wilhelm Reich em vários de seus livros, “Amor, trabalho e sabedoria são as fontes de nossa vida. Deviam também governá-la.” (Reich, 1983:5) comprova-se como um registro de sabedoria, pois acreditamos que para ser qualificado para o amor e para o trabalho, precisa-se ser conhecedor. E aqui deixamos que Dietmar Kamper nos fale diretamente:





O trabalho é responsável pela criação do novo homem e esse novo homem é um dos sonhos mais antigos da tradição europeia, seria a pedra filosofal, o ouro buscado pelos alquimistas, e seria, também, a quintessência buscada pelos alquimistas que sempre foi compreendida como um movimento ascendente na matéria, no qual os quatro elementos acabam se aperfeiçoando, acabam ficando mais nobres, e o resultado seria um processo de espiritualização que teria de por termo nesta já mencionada ascensão ao céu, esta despedida da Terra (Kamper,1998: 52).

Este caminho leva, segundo Kamper, a uma cruz, a uma encruzilhada, onde o trabalho e o amor se encontram, antes da vida fluir na morte, destino dos seres evolucionários. Esta mistura é o que está na base de nosso DNA terrestre e nos carrega ao encontro dos paradigmas da vida. Deste patamar, Kamper propõe sua utopia: recriar a vida a partir de um novo arranjo de liberdade. Não a liberdade de um ex-escravo, que sonha tornar-se um senhor, mas a liberdade de um novo homem alquímico: aquele que é capaz de livrar-se de sua cabeça, de sua razão – a razão que foi historicamente construída e é o *script* da dominação.

Ouso pensar que Dietmar Kamper encontrou no Brasil a possibilidade desta nova anti-razão de que ele falava a respeito. E ela só pôde ser encontrada aqui pela herança da tradição indígena (em uma multiplicidade de nações), mais a tradição que as muitas nações da África Negra trouxeram a este país. Foi com grande prazer que ele se debruçou sobre o universo indígena brasileiro em seus últimos anos. E não foi por uma coincidência que ele, Birke Mersmann e Haroldo de Campos apresentaram, em sua última palestra em São Paulo, a mais incrível *performance* sobre antropofagia, quando ideias foram comidas, digeridas e descartadas perante uma plateia totalmente extasiada em participar daquele processo estético. Um *satori* físico e intelectual a ecoar para sempre em nossa memória. Como escreveu uma vez Carl G. Jung: “*In confinio mortis*” e na tarde de uma longa vida rica de conteúdo, o olhar se abre muitas vezes para distâncias insuspeitadas” (Jung,1986:86).





Nossa tarefa é continuar a olhar na direção que os olhos de Dietmar Kamper estavam apontando naqueles últimos momentos. Talvez somente para descobrir nossos próprios corações naquele lugar, colocando-nos a postos na interminável caminhada do autoconhecimento.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia – Inferno**. Trad. Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Trad. Felisberto Albuquerque. Rio de Janeiro: Brail, 1969.
- JUNG, C.G. **Resposta a Jó**. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KAMPER, Dietmar. **O Trabalho Como Vida**. Org. Cleide Riva Campelo. São Paulo: Annablume, 1998.
- KAMPER, Dietmar. **Notas de conferências em São Paulo de 1992 a 2001**.
- LATHEM, Edward Connery. **The Poetry of Robert Frost**. New York: Holt, Rinehart and Winston, s.d.
- REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. Trad. Maria da Gloria Novak. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ROLA, Stanilas Klossowski de. **Alchemy The Secret Art**. London: Thames and Hudson, 1985.
- SONTAG, Susan. **A Doença Como Metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

